

A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONTEXTO PARA ROMPER PRECONCEITOS

MARINA DOS SANTOS FARIAS

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal investigar e entender o porquê a dança sofre preconceito dentro do âmbito escolar, e o que leva as pessoas a terem comportamentos preconceituosos devido ao sexo dos praticantes e trazer um diferente ponto de vista com o objetivo de derrubar as barreiras do preconceito. Através de uma pesquisa bibliográfica o objetivo é identificar fatores que ajudem os profissionais de educação física abordar tal assunto durante as aulas, tematizá-las, presenciar manifestações corporais de seus alunos, e por fim, trazer reflexões sobre como a dança é um forte componente curricular, responsável por desenvolvimentos motor, biológico, social e de aceitação própria. A pesquisa se baseia, principalmente, nos estudos de Marcos Neira (2009, 2018), Marcia Strazzacappa (2001, 2002-2003), Érica Verderi (1998), entre outros autores que falarão sobre a realidade escolar, e como a dança pode e deve ser inserida no plano de ensino dos professores de educação física. Sem a intenção de buscar uma fórmula única, apresento algumas formas possíveis da quebra de preconceito na disciplina, entende-se que as ações iniciais deverão ser tomadas pelo professor, tendo que passar efetivamente pela desconstrução total de seu preconceito e receio, tematizando a dança aos poucos, transmitindo e explicando a importância da mesma, e proporcionando para todos, diferentes experiências desde seus primeiros aos últimos anos na vida escolar, com o propósito de vivência e oportunidades que talvez não teria tido em outras circunstâncias ou na futura vida adulta.

Palavras-chave: Dança. Preconceito. Escola.

INTRODUÇÃO

A Educação Física está associada, culturalmente, a exercícios e atividades físicas. Segundo Oliveira (1985), indiscutivelmente, a Educação Física abrange no homem, o corpo e seus movimentos. É possível dizer que tem, também, o objetivo de desenvolver além do físico, aspectos morais e intelectuais e, apesar de ser essencialmente prática, ela oferece subsídios para a formação da criticidade e sensibilidade do homem, ao ambiente inserido.

Para a BNCC, a Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diferentes formas de codificação e significação social, podendo ser entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, que são produzidas por múltiplos grupos sociais no decorrer da história. Neste entendimento, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BNCC, 2019). Dentre essas práticas corporais, encontra-se a dança.

Dançar é um registro de vida, de força, expressão, empenho, vontade e paixão que aprofunda cada vez mais os conhecimentos corporais. Dançar possibilita maior prazer, deixando fluir elementos novos e criativos e auxiliando os movimentos a se expandir com projeção (MILLER, 2012).

Pela dança o homem manifesta os movimentos do teu mundo interior, tornando-os mais conscientes, para si mesmo e para o espectador; pela dança ele reage ao mundo exterior e tenta apreender os fenômenos do universo. Nessa tentativa, ele se aproxima cada vez mais do seu Ser mais profundo (VIANNA, 2005).

Quanto à dança, é importante registrar que:

Os pontos mais marcantes a respeito da marginalidade da dança na escola foram a formação inadequada do professor de Educação Física e o sexismo. Entretanto, os artigos que abordaram esse preconceito permaneceram mais no campo da denúncia. Apontaria para a necessidade de redirecionamento da dança na educação física, principalmente no tocante às ações voltadas para a superação de manifestações sexistas. Para que mudanças nesse sentido sejam possíveis e se efetivem, é necessário que nos preocupemos com os caminhos do ensino da dança na escola, na Educação Física, bem como para que exploremos alguns dos aspectos relacionados à dança já mencionados e aos quais pouca atenção foi destinada na produção teórica investigada (PACHECO, 1998-1999, p.13).

Rose (1972 apud CAMPOS Jr, 2008) relata que preconceito se dá a um conjunto de atitudes que geram, favorecem ou justificam um ato de discriminação. Entende-se como um estado de espírito, que corresponde a aplicação de medidas de discriminação.

Segundo Campos Junior (2008) o preconceito é existente em todas as civilizações, sendo natural da nossa sociedade. É manifestada de forma irracional, nos impedindo de visualizarmos os fatos de forma justa e honesta.

Diante uma sociedade preconceituosa, a dança não seria exceção, se tornando um alvo de críticas e discriminação. Segundo Strazzacappa (2002-2003, p.74) “a dança sempre esteve numa situação inferior à das demais manifestações artísticas”.

Diante do exposto, nos questionamos as razões das manifestações de dança sofrerem preconceito na educação física escolar, mais especificamente, por que a dança na educação física escolar gera posições sexistas? Ou seja, será que a dança na educação física sofre preconceito baseada no gênero ou sexo de uma pessoa?

Assim, este estudo busca entender o preconceito que a dança sofre dentro da disciplina de educação física escolar. Com isso, esperamos abrir possibilidades de trabalho com a dança, uma vez que diante de inúmeras práticas corporais que dão possibilidades ao aluno de se expressar, favorecendo um currículo não restrito ao ensino do desporto, e dando espaço para trabalhar a dança e suas diferentes abordagens.

De forma complementar, este estudo procura entender as atitudes que levam as crianças e as pessoas no âmbito escolar, a apresentarem comportamentos sexistas mediante a prática da dança nas aulas regulares pelos meninos. Ou seja, tem por objetivo interpretar os motivos que fazem com que a dança na escola seja pouco apreciada pelos meninos de diferentes idades e quais as alternativas para amenizar as situações que promovem o preconceito na prática dessa atividade física escolar que tanto contribui para o desenvolvimento integral do ser humano, buscando encontrar diferentes formas de trabalhar a dança, adotando medidas na tentativa de quebrar paradigmas e tabus que existem na escola.

A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física ao decorrer da história sofreu modificações e teve objetivos diferentes. No fim do século XVIII a educação física tencionava educar corpos rebeldes de crianças e jovens, paralelamente com o surgimento dos métodos ginásticos, buscando valorizar a imagem da ginastica para a sociedade mais ampla. Já no século XIX sua prática tinha como finalidade a inibir da possibilidade de contrair doenças ou vícios, influenciada pela medicina. No século seguinte a prática pedagógica predominante era o jogo, produzindo novas sensibilidades e novos ritmos na sociedade (NEIRA; NUNES; 2009).

No Brasil, durante um longo período, a educação física foi pautada em ensinamentos de esportes, com uma metodologia de repetição de fundamentos. O ensino esportivo gozou da exclusividade na educação física escolar, por traduzir toda a simbologia de perseverança, luta e vitória (NEIRA; NUNES, 2009).

A década de 1980 marca o início da crise de identidade da área. Surgiram inúmeras críticas ao modelo vigente, alegando a falta de conhecimento científico para fundamentar a prática pedagógica. Então, foram elaboradas e criadas novas abordagens, ampliando o debate acerca das novas tendências da Educação Física que buscava a construção de um referencial teórico próprio para a área. Um grande fator decisivo foi o estabelecimento de relação da Educação Física com as Ciências Humanas. Seus objetivos não seriam mais de selecionar talentos esportivos, ou de desenvolver aptidão física, os conteúdos tornaram-se mais amplos, visando articular as múltiplas dimensões do ser humano (NUNES; RÚBIO, 2008).

No decorrer da história, a Educação Física passou por diversas modificações, com ênfase em aspectos diferentes da sociedade e de quem a compunha. Atualmente o espaço escolar é disputado por vários currículos com propostas tradicionais, (ginástico, técnico-esportivo, globalizante e saudável), críticas (superador e emancipatório) e pós críticas (cultural) (NEIRA; NUNES, 2006, apud NUNES et al. 2008).

O currículo contribui para moldar as pessoas de forma a construir os cidadãos almejados pelo projeto social. Por meio do currículo legitimam-se visões particulares do sujeito, da sociedade e da escola. O currículo é a maneira pela qual as

instituições escolares transmitem a cultura de uma sociedade; é o conteúdo vivo da experiência escolar (NEIRA; NUNES, 2009).

Neste estudo será utilizado o currículo cultural, que traz ao professor a oportunidade de trabalhar manifestações e práticas corporais com base no patrimônio cultural da comunidade, identificando quais estão disponíveis, bem como aquelas, mesmo que não componham suas vivências, encontram-se no bairro da escola ou no universo cultural mais amplo (NEIRA, 2018).

De acordo com Neira (2018) o diálogo da Educação Física com os referenciais pós-modernos, possibilita outras formas de construir a experiência pedagógica, descentralizando o papel do conhecimento acadêmico e validando os saberes que são pertencentes ao senso comum, à cultura popular ou à cultura paralela à escola valorizando as múltiplas identidades presentes nela.

Outra característica distinta e positiva do currículo cultural da Educação Física é a despreocupação com a performance motora segundo os padrões estabelecidos externamente (NEIRA, 2018).

A Educação Física cultural assume uma posição de favorecimento aos mais fracos, que ao longo do tempo não puderam ver suas produções culturais corporais contempladas pelos currículos escolares (NEIRA, 2018). Desse modo podemos destacar a afirmação de Neira e Nunes (2009) que consideram importante dar atenção ao fato de que os currículos privilegiam alguns conhecimentos. Por isso, é importante a atuação com o objetivo de modificar a marginalização de práticas corporais de grupos que não estão no poder, tratando com a mesma dignidade práticas brancas, masculinas oriundas de elite econômica, como as derivadas de outros povos e segmentos sociais, abrindo espaço para os alunos e alunas externarem seus sentimentos.

Na elaboração do plano curricular há que ser considerada a vivência do aluno de modo que o leve à reflexão sobre suas relações estabelecidas com a sociedade pois estas "...refletem os condicionantes impostos pelas relações de poder com as classes dominantes no âmbito de sua vida particular, do seu trabalho e de seu lazer" (SOARES et al., 1992 p.65).

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o artístico, o lúdico, o estético, o agonístico ou outros, que são ideias, representações, conceitos produzidos pela consciência social, nomeadas significações objetivas. Em face delas, o indivíduo desenvolve um sentido pessoal

que manifesta sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua vida, do seu mundo e motivações (SOARES et al.,1992).

Temas possíveis de serem explorados nas aulas de Educação Física, de acordo com Soares et al. (1992) são conteúdos que surgem de grandes temas da cultura corporal, havendo possibilidade de serem inseridos tanto no ensino fundamental, quanto médio.

Os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um significado onde se interpretam, dialeticamente, a intencionalidade do homem, bem como as intenções e os objetivos da sociedade. Os conteúdos a serem abordados devem ser estudados com profundidade, porém não há, necessariamente, uma ordem para serem tematizados, levando em consideração o interesse dos alunos (SOARES et al.,1992).

O professor pode abordar jogos, lutas, ginásticas, danças e esportes. No que se refere a dança, objeto deste estudo, Neira e Nunes (2009) apresentam como exemplo as urbanas e rurais, atuais e tradicionais, as folclóricas e ressignificadas e assim por diante, buscando a valorização as diferentes características das raízes culturais das famílias, contexto de vida e bairro. “Vale lembrar que uma brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica é um texto da cultura produzido pela linguagem corporal, passível, portanto, de inúmeras leituras, elaborações e reelaborações” (NEIRA, 2018, p.63).

Para tratarmos desses significados, de acordo com Soares et al. (1992) é necessário abranger a compreensão das relações de interdependência que, jogo, ginástica, dança e esporte, entre outros temas que venham a compor uma aula de Educação Física, têm com grandes problemas sócio-políticos atuais, papéis sexuais, preconceitos sociais, raciais, saúde pública, entre outros, fazendo-se necessária a reflexão sobre esses problemas, com a intencionalidade de fazer o aluno compreender a realidade social, e, será dentro da escola que deverá ser promovida a apreensão da prática social. “O aprofundamento sobre a realidade através da problematização de conteúdos desperta no aluno curiosidade e motivação, o que pode incentivar uma atitude científica” (SOARES et al., 1992 p. 63).

De acordo com Verderi (1998), ao entrar na escola a criança já traz uma bagagem de entendimento e respeito ao seu corpo, mas que anteriormente não tenha sido devidamente despertado. Caberá ao professor saber usufruir destes conhecimentos individuais e a partir deles, promover conhecimentos mais amplos,

no objetivo de proporcionar novas experiências que façam as crianças explorarem seus próprios corpos e a dança, é um forte componente curricular para desenvolver essas características, juntamente com suas personalidades, aceitação própria, autoevolução e autocrítica.

Vargas (2009) afirma que meninos e meninas se entregam às aulas de dança com muita dedicação e prazer, usando a prática corporal como um escape para as energias acumuladas e, devido aos espaços reduzidos nas casas em que vivem, a dança contribui com essa necessidade e sentimento de liberdade.

Ainda de acordo com Vargas (2009), as aulas de dança nas escolas não devem ter como objetivo a formação de bailarinos, o ensino deve estar relacionado imediatamente com a vida dos alunos, crianças e adolescentes. Deverá integrar com as áreas, física, mental e espiritual, buscando dar auxílio às crianças, que tomem consciência e reafirmem suas potencialidades, aumentem suas capacidades de resposta, suas habilidades para comunicar-se e facilitar seus relacionamentos sociais, assim, denotam-se os benefícios sobre a personalidade que a atividade criadora da dança pode gerar, sem que o objetivo principal sejam as produções de danças sensacionais, segundo Laban (1989, apud VARGAS, 2009).

Em função dos avanços tecnológicos, torna-se praticamente impossível evitar a interferência da mídia na escola, gerando aulas que caem no modismo da televisão, sem gerar criticidade às crianças, sobre o que consomem e reproduzem (STRAZZACAPPA, 2002, 2003).

O objetivo de trabalhar dança na escola, engloba a conscientização e a sensibilização das crianças, em relação às próprias atitudes, posturas, gestos e ações do dia a dia como para suas necessidades de expressar, comunicar, relacionar, compartilhar, criar e interagir na sociedade na qual estão inseridas. A dança é agente de aprimoramento das funções motoras como: coordenação, equilíbrio, flexibilidade, resistência, agilidade, elasticidade. Através da educação do movimento desenvolverá o domínio da orientação espacial, do sentido muscular para auxiliar na resolução dos problemas físicos com economia de esforços e obtenção de resultados. Promoverá melhora nas funções respiratórias, circulatória e, além disso, boa formação corporal. (VARGAS, 2009). Também o aperfeiçoamento dos processos cognitivos, motor, sócio afetivo, e contribuir para despertar o interesse dos alunos no processo educacional, pois sem interesse, não há aquisição de conhecimentos (VERDERI, 1998).

Ainda em relação ao desenvolvimento, a pesquisa ainda ressalta os benefícios que a dança pode proporcionar à criança por meio de uma ampla gama de movimentos corporais, que trabalham a sua coordenação motora, o equilíbrio estático e dinâmico, a lateralidade, a força, noção de tempo, espaço, ritmo, a memória, além de ser uma ótima aliada na melhora da condição respiratória e metabólica, fortalecimento muscular e na prevenção de doenças e o sedentarismo. Portanto, conclui-se que a dança, quando bem utilizada, é fundamental para que a criança cresça e se desenvolva de forma integral. Reforçando que o conteúdo dança dentro da disciplina Educação Física é fundamental e estratégica no desenvolvimento dos alunos, numa perspectiva cognitiva, emocional, social, psicossocial entre outros (NANNI, 1995-2008).

Pensando em trabalhar a dança, dentro das aulas de educação física, afirma Vargas (2009) que a dança sempre foi uma prática formadora, divertida e saudável, e, trabalhada em conjunto oferece aos alunos a experiência de ver como as pessoas se adaptam entre si e como podem se ajudar mutuamente.

A princípio, para expressar-se e comunicar-se com sua comunidade, o ser humano fez uso de seu próprio corpo, e atualmente essa é realidade das crianças, meninas e meninos, que trazem para dentro da escola suas diferentes experiências corporais e suas significações proporcionando ao ambiente educacional “corpos que se expressam com prazer, valorizando sua essencialidade, quebrando paradigmas, desconstruindo movimentos e criando novas realidades corpóreas” (GAIO e GOIS apud VERLENGIA 2006 p. 17). E mesmo que dentro da disciplina todos dançam os mesmos movimentos, há momentos em que o aluno se destaca realizando sua “improvisação”, tendo a oportunidade de trabalhar sua individualidade (STRAZZACAPPA, 2001).

As aulas de dança certamente terão uma boa aceitação por parte dos alunos, devido a construção de seus próprios movimentos, os ritmos explorados, a ampla movimentação do corpo. Verderi (1998) afirma que a didática do professor não deve constar em dar passos prontos aos alunos, mas em favorecer a aprendizagem autônoma. Não demonstrar os movimentos e impor uma coreografia, mas criar condições em que eles se movimentem e explorem a criatividade.

PRECONCEITO, DANÇA E ESCOLA

O conceito de preconceito, segundo os psicanalistas Jahoda e Ackerman (1969, *apud* ANTUNES; ZUIN, 2008, p.37), é caracterizado como “uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais, dirigida contra um grupo inteiro ou contra os indivíduos pertencentes a ele, e que preenche uma função irracional definida dentro da personalidade”.

Para que o preconceito exista acrescenta Crochik (*idem*, *ibidem*) que é necessário que somem às características do indivíduo fatores de sua socialização, que embora a prática do preconceito seja individual, pois responde às necessidades individuais, ele nasce no processo de socialização, como resposta aos conflitos que são gerados nestes processos.

Em face dos conceitos que predominam em nossa sociedade quanto a estipular papéis ou funções diferenciadas para homens e mulheres, nos encontramos com a problemática dos preconceitos, que criamos em relação a profissão, ao trabalho, ou as nossas atitudes e também em relação a dança (LEITÃO; SOUSA, 1995).

No século XIX, com uma sociedade patriarcal e uma burguesia conservadora, foi responsável por criar ou sustentar o preconceito em relação ao homem bailarino. A dança então, tornou-se a espada de sua própria morte, mas por ser arte e expressão de vida, não poderia morrer, a não ser que todos virassem máquinas ou morressem também (LEITÃO; SOUZA, 1995).

Anatomicamente as diferenças biológicas e funcionais são reais, porém, não quer dizer que elas existem para afirmar as desigualdades ou traçar os critérios impostos pela sociedade que, muitas vezes, as impõem de forma discriminadora em relação ao gênero humano. Leitão e Souza (1995) exaltam que critérios discriminatórios levam a mulher a inferiorizar-se, sujeita a segregação do mundo masculino. Por outro lado, a segregação também acontece ao homem que, por sua racionalidade, algumas vezes se torna gerador de uma cultura superficial e equivocada. Uma vez superficial, sequer percebe a mutilação de suas emoções, expressões e sentimentos.

Bem sabemos que o poder do Estado é monopolizado por um grupo formado pela elite que se edifica em detrimento da presença dos demais e em certa medida

os priva de todo o poder e influência. No momento em que o poder público, através da elite política, parece favorecer ou desfavorecer determinados grupos identificados por sua etnia, raça, religião, sexo, região, etc., nega a legitimidade de existir e de se exprimir de muitos outros segmentos, deixando as portas abertas às práticas preconceituosas e discriminatórias. Em outras palavras, nega a possibilidade do outro de ter acesso seja ao arsenal jurídico de igualdade e de equidade como traço ideológico dominante, seja ao reconhecimento e participação política (BANDEIRA; BATISTA, 2002).

A escolarização deve, a todo momento, manter afastados os métodos hierarquizadores e meritocráticos, para dar lugar às ações de aproveitamento das possibilidades de cada indivíduo, o que implica a diversificação curricular no que se refere a práticas sociais, métodos, conteúdos e instrumentos de avaliação. Ou seja, entender justiça como igualdade passa, necessariamente, pela compreensão de que a sociedade é, antes de tudo, multicultural (NEIRA; NUNES 2009).

Dentro do multiculturalismo social encontra-se a dança, lutando contra barreiras empregadas na sociedade e na escola, sendo necessidade, emergente, de serem superadas. Existem muitas barreiras no que se diz respeito dança na escola, e há a necessidades, emergente, de serem superadas. Afirma Strazzacappa (2001) que a dança está aos poucos conquistando um diferente espaço dentro da formação escolar fundamental, mas muitas barreiras ainda têm que ser derrubadas. A primeira é receptividade dos próprios professores da escola, que tendem a menosprezar o trabalho do colega, ao pensar que a disciplina é luxo, tendo uma menor necessidade de ser abordada entre as demais do componente curricular. E também, intitularem como “aula de recreação” gerando no momento da prática, correria e bagunça, dificultando a comunicação e a atenção dos alunos.

Outra barreira que os professores e estagiários lidam todos os dias, segundo Strazzacappa (2001) é a necessidade de nomear as aulas de dança, como “expressão corporal”, devido os meninos se recusarem a participar, por não serem “mulherzinhas”. E independente do nome dado a prática corporal, “a dança é de todos, e os meninos necessitam tanto como as meninas desenvolverem-se, conhecerem-se e expressarem-se” (ROBINSON, 1992 apud VARGAS, 2009, p.74-75).

Na dança, o preconceito contradiz com seu propósito, que é a liberdade de expressão, e expressar as diferenças, as singularidades, união do corpo, espírito e

coração, estimular a comunicação, o ritmo, sociabilizando e integrando o indivíduo de forma emancipatória. Enfim, “seu campo abrangente que é ilimitado, torna-se restrito a privilégios de uns, enquanto deveria ser tratada e desenvolvida como forma de movimento universal, com sua linguagem corporal, criativa e múltipla” (LEITÃO; SOUZA, 1995, p. 251).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim desta revisão bibliográfica e assumindo uma função problematizadora, longe de realizar um balanço isento, à leitura atrelou a forma de olhar para a dança dentro da educação física como ferramenta de trabalho no âmbito escolar, e o questionamento de como quebrar paradigmas e tabus sobre a feminilidade imposta na mesma.

Percebeu-se que a dança além de ser uma manifestação cultural antiga que se confunde como a própria história do homem, também deve fazer parte do conteúdo da Educação Física escolar, por possuir um leque de conhecimentos que podem e devem ser explorados no contexto escolar. Vimos que através da dança o aluno pode não só conhecer o outro, mas principalmente conhecer a si mesmo, descobrindo o aprendizado a partir da imaginação, usando para isso suas emoções, seus sentidos e seus movimentos.

Infelizmente, apesar de todos os benefícios da dança, o que constatamos e a dança sendo pouco abordada nas aulas de educação física, sendo tratada de forma irrelevante dentro da área do conhecimento. Muitas são as razões que levam a essa dificuldade de implantar nas escolas, sendo que as mais recorrentes estão relacionadas à dificuldade de aceitação por parte dos alunos, por considerar a dança como uma atividade de meninas, ou quando o professor não se achar capaz, qualificado para desenvolver tal conteúdo e pelo fato da educação física ainda concentrar suas atividades em modalidades esportivas e jogos, que acaba por rotular tão importante área do conhecimento.

Utilizar a dança no conteúdo de Educação Física passa necessariamente pela desconstrução do preconceito e pela formação do profissional para o entendimento completo dos inúmeros benefícios que o dançar na escola propiciará não somente a socialização entre os alunos, mas também o promover novas experiências corporais,

pensando em que não serão todos os alunos com protagonismo em esportes ou jogos, se faz necessário trazer a dança para experimentação e principalmente o desenvolvimento de diferentes aspectos para sua formação.

O fim do preconceito passará primeiramente pelo professor que deverá buscar informações e significações para tematizar suas aulas, juntamente com seus alunos estudar e compreender o porquê, qual a história que aquela dança carrega, e em conjunto, o incentivo à prática. A partir daí o professor entende e propõe novas atividades, projetos e contextos, enquanto os alunos também se sentirão mais preparados e sensíveis à criatividade, criando interação entre os mesmos, visando ampliar as reflexões dos benefícios da prática.

A partir desta pesquisa, outros estudantes e professores, podem e devem ampliar as buscas, para encontrar outras maneiras de abordar a dança dentro das aulas, para cada vez mais, termos uma educação física menos exclusiva e preconceituosa, entendendo que a partir dos conhecimentos transmitidos nas aulas, os alunos usufruirão e levarão experiências corporais fundamentais ou complementares para vida, não restrito aos esportes, mas, amplo e plural.

Por fim, ratificamos a importância do ensino da dança nos componentes curriculares de Educação Física da educação básica. Reafirmando, assim, a importância de aprender e vivenciar a dança, uma linguagem que o homem construiu e reconstrói ao longo da sua história. Compreendendo a importância da estruturação de um bom trabalho de dança nas escolas, o que implica o envolvimento dos profissionais de Educação Física e de toda a comunidade escolar, construindo um comprometimento abrangente e um compartilhamento de ideias, em benefício da coletividade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**. Minas Gerais; v. 20, n. 01, p. 33-41. Abril, 2008.

BANDEIRA, Lurdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina; v. 10, n. 01, p. 119-141. jan. 2002.

BNCC. Base Nacional Comum Curricular. 2019. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 27/11/2019.

CAMPOS JR., João de. **A criança negra na escola**. São Paulo, SP: UNISAL, 2008. 83 p.

GARIBA, Chames Maria Stalliviere; FRANZONI, Ana. Dança escolar: uma possibilidade na educação física. **Movimento**, Porto alegre, v.13, n.02, p.155-171, maio/agosto de 2007.

LEITÃO, Fatima C. do Valle; SOUZA, Iracema Soares. O homem que dança. **Motrivivência**. Dez. 1995. Disponível em: < <file:///C:/Users/faria/Downloads/22623-73353-1-PB.pdf>> Acesso em: 11/12/2019.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança: dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Sumus, 2012. 163p.

NANNI, Dionísia. **Dança educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1995/2008. 191 p.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009. 282p.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural**. Jundiaí-SP. Paco, 2018. 1ed. 114p.

NUNES, Mário Luiz Ferrari; RÚBIO, Kátia. Os currículos da educação física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem fronteiras**. v.8, n.2, p.55-77, Jul/Dez 2008.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985. 113 p. (Coleção Primeiros Passos, v. 79).

PACHECO, Ana Julia Pinto. Educação Física e dança: uma análise bibliográfica. **Pensar a Prática**. 2. p.156-171, Jun. /Jun. 1998-1999. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/148/150>> Acesso em: 19/11/2019.

SOARES, Carmen Lúcia. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. 119p.

STRAZZACAPPA, Marcia. Dança na educação discutindo questões básicas e polêmicas. **Pensar a Prática** 6: 73-85, Jul./Jun. 2002-2003.

STRAZZACAPPA, Marcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos cedes**, v. 21. n. 53, Campinas: abril/2001.

VARGAS, Lisete A. Machado de. **Escola em Dança**: movimento, expressão e arte. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. 87p.

VERDERI, Érica. **Dança na escola**. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1998. 120p.

VERLENGIA, Rozangela; TOLOCKA, Rute E. **Dança e Diversidade Humana**. Campinas, SP: Papirus, 2006. 128p.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 3.ed. São Paulo: Summus, 2005. 155p.